**Nome: Marthin Goiano da Silva**

**Nº USP: 11777129**

**ET 12 – AS ORIGENS DA ÓPERA**

Os poetas franceses estavam fascinados com a possibilidade de unir poesia e música, e assim promoveram encontros na *Académie de Poésie et de Musique* em 1570 em prol deste novo formato que futuramente iria se tornar a Ópera, isso aproximadamente 30 anos antes dos intelectuais da famosa Camerata Fiorentina se reunirem, numa tentativa de recriar o que teria sido o Teatro Grego, e isso foi um reflexo da paixão renascentista pelas glórias da antiguidade clássica. Os eruditos renascentistas afirmavam basicamente que, a música não era apenas para exprimir as palavras de uma peça grega, mas para transmitir com o máximo de eficácia pelo domínio do tom e do ritmo, misturando canto, dança, coro e mímica, como fazia o *Ballet de cour.* Ainda não havia uma grande instrumentação nessas peças, que viria futuramente fazer parte da composição de uma ópera. A música nessa época, já era uma poderosa arma social, na qual dramatização e uma certa desordem proposital não eram muito aceitas, pois a música deveria representar o bem estar, uma vida saudável e bem equilibrada, e como em quase todas as grandes mudanças na história da música ocidental, não foi diferente com a ópera lulliana e posteriormente com a grande ópera, teve uma difícil aceitação da parte do Parlamento de Paris, que afirmava que as mudanças corromperiam a juventude, mas que no século XVIII se tornaria num esplendido sensacional entretenimento burguês. Como já era de se esperar, a ópera passou por muitas mudanças durante todo o século XVII chegando até a ser, algumas delas, de finalidade cômica, e estas eram colocadas entre um ato e outro de uma ópera séria, talvez daí tenha surgido o termo alívio cômico. Com o tempo ela se tornou um entretenimento universal, assim a ópera palaciana e a ópera pública caminharam juntas já no final do século XVIII, surgindo então em 1791 *A flauta Mágica* de Mozart, uma das grandes óperas dramáticas mais icônicas de todos os tempos.